

# O CARÁTER HISTÓRICO DA PRAÇA DA MATRIZ EM PORTO ALEGRE: significados do lugar, permanência e mudança

Renato Holmer Fiore



**1**  
*Setor leste da Praça da Matriz, Porto Alegre, no fim do século XIX.*

Fotografia: Virgílio Calegari – Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

O presente artigo, derivado de parte de um capítulo de nossa tese de doutorado (*On “place” and “character” in architecture: the case of Porto Alegre, South Brazil*, Londres: UCL, 2000, orientada pelo Professor Adrian Forty, Ph.D.), sobre caráter arquitetônico relativo à noção de “lugar”, apresenta um estudo da Praça Marechal Deodoro, em Porto Alegre, mais conhecida como Praça da Matriz, sob o ponto de vista de seus significados enquanto lugar. Estabelecida no final do século XVIII, com a fundação de Porto Alegre, esta praça concentra importantes edificações, como os palácios dos três poderes do Estado e outros edifícios institucionais significativos, assim como acumula significados históricos, arquitetônicos, políticos, religiosos, culturais, sociais, etc., tendo também sofrido importantes mudanças e reconstruções ao longo do tempo. A análise faz uso de formas de representação do lugar apresentadas na imprensa (artigos, fotografias), ao longo de quase todo o século XX, como um modo de observar e acompanhar o processo histórico através do qual significados que caracterizam o lugar são gerados, entendidos e modificados. O estudo demonstra que o caráter histórico da praça deriva tanto de persistências como de mudanças e sugere que a intensidade com que estas últimas ocorreram pode ter acentuado a preocupação em recuperar o passado para dar significado à praça.

No número 5 da revista *Arqtexto*, de 2004, foi já publicado um artigo nosso derivado de outra parte do estudo sobre a Praça da Matriz em nossa tese de doutorado, tratando de questões diferentes das aqui apresentadas. Houve aqui, no entanto, a necessidade de também inserir uma seção sobre o histórico da praça, como no artigo anterior, repetindo, portanto, informações presentes naquele (como em uma série de outras fontes bibliográficas existentes – a história da praça é já bastante conhecida), mas que são fundamentais para a compreensão da argumentação que segue. O presente trabalho foi apresentado em setembro de 2006 no IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, em São Paulo, e publicado nos anais daquele evento em forma eletrônica.

### INTRODUÇÃO

A Praça da Matriz é um dos lugares fundamentais a ser estudado em qualquer investigação sobre a estrutura ou história urbana de Porto Alegre. Oficialmente denominada Praça Marechal Deodoro, mas mais conhecida pelo antigo nome que faz referência à antiga igreja matriz, a praça surgiu com a fundação de Porto Alegre, na parte final do século XVIII, e é o centro dos poderes constituídos do Estado do Rio Grande do Sul e de outras instituições importantes, cujas sedes – Palácio Piratini (Governo do Estado), Palácio Farroupilha (Assembléia Legislativa), Palácio da Justiça, Catedral, “Theatro” São Pedro – se constituem em obras de arquitetura significativas no contexto local. Pela sua importância em vários níveis, histórico, político, religioso, cultural, arquitetônico, turístico, mas também pelas várias mudanças que sofreu em pouco tempo e pelo seu aspecto e estrutura arquitetônico-urbana por vezes fragmentária e pouco articulada, a praça é também um símbolo de Porto Alegre, um lugar

capaz de representar a cidade, ou de representar aspectos centrais da identidade desta. E, tendo sido foco de interesse e atenção continuados, a praça torna-se um caso bastante rico para análise, existindo uma quantidade substancial de material para pesquisa a respeito.

Por todos esses aspectos, a Praça da Matriz foi um dos casos selecionados para análise em nossa tese de doutorado (*On "place" and "character" in architecture: the case of Porto Alegre, South Brazil*, Londres: UCL, 2000), sobre caráter arquitetônico relativo à noção de "lugar" no caso de uma cidade não usualmente considerada como tendo um ambiente arquitetônico-urbano com lugares de alta qualidade estética, com conjuntos harmônicos capazes de conferir à cidade um caráter arquitetônico forte e interessante, com uma significativa substância histórica e cultural. Porto Alegre é uma cidade com uma história relativamente curta, se comparada com muitas cidades que têm servido como referência em termos de qualidade arquitetônica e urbana, sendo marcada por rápidas e significativas mudanças em sua imagem, sob a influência de diferentes modelos e idéias arquitetônicas importadas de outros países, o que dificulta a consolidação de uma identidade cultural local específica, que possa marcar o caráter arquitetônico local. A imagem urbana resultante é freqüentemente considerada como um contexto geralmente caótico, formado por individualidades arquitetônicas de vários tipos diferentes. No entanto, a cidade pode de fato ser interessante para estudo dessas questões relativas a "caráter" e "lugar" exatamente porque parece ser um caso problemático, favorecendo uma nova abordagem crítica das questões teóricas. E a Praça da Matriz em particular é um microcosmo representativo do macrocosmo constituído pela cidade de Porto Alegre, no que se refere a essas condições arquitetônicas consideradas problemáticas, sendo, ao mesmo tempo, um lugar com características e significados especiais.

O presente artigo apresenta, assim, um estudo, derivado de nossa tese de doutorado, conduzido basicamente através da análise de representações públicas do lugar urbano em questão, incluindo seus objetos arquitetônicos, especialmente na bibliografia local e em artigos e fotografias publicadas na imprensa, na procura de indicações a respeito de como o caráter do lugar é interpretado e a respeito do processo histórico pelo qual significados definidores desse caráter são gerados, consolidados ou modificados. Publicações sobre a cidade e sua arquitetura podem dar importantes indicações sobre o modo como certos edifícios e contextos urbanos foram vistos ao longo do tempo, em épocas diferentes, por certos setores da sociedade e apresentados ao público em geral.

Mas, antes de passar a essa análise baseada no estudo de artigos da imprensa local, devemos recapitular, de forma sintética, a evolução histórica da praça com seus principais edifícios.

#### **A PRAÇA E OS ELEMENTOS ARQUITETURAIS QUE A CONSTITUÍRAM AO LONGO DE SUA HISTÓRIA:**

Porto Alegre surgiu a partir de meados do século XVIII numa pequena

península, no ponto, geograficamente estratégico, onde rios vindos do interior da metade norte do Rio Grande do Sul juntam-se para formar o Guaíba, o qual desemboca na Lagoa dos Patos. Nos primeiros dias da povoação açoriana, a área no alto da colina que forma a pequena península era conhecida como “Alto da Praia”. O povoado foi surgindo na área mais baixa, perto da praia no lado norte da península, e em 1753 o então desabitado Alto da Praia foi escolhido como local para o cemitério. A área foi inicialmente usada, assim, como cemitério.

Em 1772, o povoado tornou-se uma freguesia, e o governo da Capitania, então estabelecido em Viamão, a poucos quilômetros a leste de Porto Alegre, designou o capitão engenheiro Alexandre José Montanha para demarcar o novo lugar. Montanha então foi organizar o assentamento informal, demarcando suas primeiras ruas e espaços públicos. Ele pode ter desenhado uma planta para tal, mas isto não está claro, pois nenhum desenho chegou aos nossos dias para confirmá-lo. Montanha situou a praça principal, onde seriam erguidos os edifícios públicos, no Alto da Praia. Aquela era, na área de povoação, a única parte cuja topografia criava condições para um grande espaço público,<sup>1</sup> na medida em que a declividade era suave ao mesmo tempo em que se tratava do ponto mais alto da península, com boa vista das redondezas, fundamental por razões estratégicas.

Sede dos poderes institucionais locais, a praça no topo da colina tornar-se-ia assim um dos lugares simbolicamente mais importantes da povoação, cenário de numerosos eventos políticos assim como de importantes aspectos da vida cultural local relacionada à igreja e a outros equipamentos culturais lá localizados no decorrer de sua história. Também se tornaria arquiteturalmente importante na medida em que diferentes instituições ligadas a governo, justiça, religião e cultura construíram e reconstruíram estruturas significativas ao redor da praça, a maioria delas de caráter monumental. Todos esses aspectos dão ao lugar uma importância histórica marcante.

A construção da igreja no Alto da Praia (Fig. 1) seguiu-se à criação da freguesia, em 1772. De acordo com Clóvis Oliveira, a escolha do sítio mostra a preocupação do clero em localizar as igrejas em pontos altos, em posição proeminente. A orientação da igreja local, no caso, seguiria considerações topográficas e urbanas.<sup>2</sup> A igreja estaria em posição dominante, com excelentes vistas das redondezas; ficaria voltada para a vila que se desenvolvia no lado norte da península; e sua fachada e o espaço à frente da entrada estariam protegidos do vento sul dominante. Por 1780, o edifício teria sido completado,<sup>3</sup> sem suas torres, todavia, que seriam construídas durante o século XIX. O cemitério, que ocupava a área da praça, foi transferido para a encosta atrás da igreja.

A segunda maior edificação do povoado, a casa de governo, usualmente chamada de “palácio”, apesar de sua simplicidade e modestas dimensões, foi começada no Alto da Praia em 1784 e completada em 1789. Foi construída ao lado da igreja, também com frente para norte,

mas a certa distância da última. Outro edifício administrativo, um pequeno prédio térreo, foi completado em 1790 do outro lado do palácio, no mesmo alinhamento dos dois primeiros edifícios. Estes três edifícios institucionais existentes ao final do século XVIII eram típicas estruturas coloniais portuguesas, muito simples em sua construção. Para um viajante francês que visitou a província em 1820-21, os edifícios não tinham outra beleza além de sua localização.<sup>4</sup> Em relação à área aberta da praça, o mesmo viajante a descreveu como sendo muito irregular, provavelmente referindo-se mais ao fato do chão não ser nivelado ou pavimentado<sup>5</sup> do que à geometria do espaço.

Essa acumulação de funções governamentais e religiosas, e, portanto, de edifícios significativos, no mesmo espaço público, deve ser enfatizada aqui como uma importante característica do lugar.

Naquele período, o lado sul da Praça da Matriz já estava definido em sua posição e uso, assim, pela igreja matriz e pelos edifícios da administração provincial. A posição do lado leste da praça tinha também sido definida pelo capitão Montanha em 1772, sendo este lado ocupado por casas. Desde então, mudou totalmente, mas manteve o alinhamento. Os outros dois lados, no entanto, não tiveram sua posição atual definida naquele momento. O lado norte (mais baixo) do espaço aberto era na época definido pela atual Rua Riachuelo, que mais tarde ficou atrás do teatro e da Câmara/Tribunal, que vieram a ocupar parte do espaço da praça. O lado oeste era bastante irregular. A primeira estrutura naquele lado parece ter sido um moinho, construído no final do século XVIII.<sup>6</sup>

Durante o século XIX, houve algumas mudanças significativas. O pequeno edifício colonial de 1790, mencionado acima, construído ao lado do palácio, tornou-se a sede da Assembléia Legislativa provincial, quando esta foi criada em 1835. Em 1860, o edifício recebeu um segundo pavimento,<sup>7</sup> e sua fachada foi remodelada num estilo mais clássico. Com essas mudanças, todavia, o edifício sobreviveu até o presente, e sua parte do século XVIII é, assim, a construção mais antiga ainda existente na cidade. Mas o novo edifício, modernista, da Assembléia bloqueou a sua visão a partir da praça.

No sítio agora ocupado pela nova Assembléia, o moinho, mencionado acima, foi substituído na segunda metade do século XIX por um clube de dança, a *Soirée Porto-Alegrense*, popularmente chamada de "Bailante".<sup>8</sup> Mas esta ocupava apenas uma pequena parcela do sítio. Na parte sul deste lado oeste, a Hidráulica foi inaugurada em 1866. Fora projetada em Paris em 1864.<sup>9</sup>

No lado leste da praça, deve ser mencionada a construção de um edifício administrativo entre 1857 e 1871, na esquina com a Rua Nova do Poço (atual Rua Jerônimo Coelho). Serviu a vários propósitos e foi a sede provisória do governo enquanto o novo palácio estava em construção (1896-1921) no sítio do antigo. Com algumas modificações, sobreviveu até o presente.

No lado sul (mais alto), uma capela dedicada ao Divino Espírito

Santo foi construída ao lado leste da igreja. Devoção ao Divino Espírito Santo era uma forte tradição açoriana que foi trazida para o Rio Grande do Sul. A festa anual do “Divino” era uma manifestação social e cultural importante. Em Porto Alegre, ocorria na Praça da Matriz,<sup>10</sup> acrescentando significado religioso, social e cultural ao lugar. A capela foi construída e demolida mais de uma vez. Uma fotografia, provavelmente dos anos 1860, mostra uma pequena capela classicista.<sup>11</sup> Mas ao final daquele século havia uma capela neogótica no seu lugar (Fig. 1).

A igreja, que já estava em uso desde o final do século XVIII, teve suas torres construídas durante o século XIX. Uma importante mudança institucional é que ela se tornou uma catedral com a criação da diocese em 1848.<sup>12</sup> O palácio, por sua vez, sofreu alterações menores em 1860 (Fig. 2).<sup>13</sup> A alteração principal é que o telhado foi contido por uma platibanda, uma medida modernizante na época, tendo sido proibidos os antigos beirais coloniais.<sup>14</sup>

Uma modificação muito importante do espaço da praça, entretanto, aconteceu no seu lado norte (mais baixo). Uma boa parte do que era espaço aberto foi ocupada por dois importantes edifícios, quase idênticos entre si (Fig. 3), reduzindo o espaço da praça e conferindo-lhe maior força formal ao criar, ou tornar visível, um importante eixo norte-sul, perpendicular ao plano das fachadas da igreja e do palácio.

Em 1833, a construção do novo teatro, o São Pedro (Fig. 3), o primeiro desses edifícios, foi começada.<sup>15</sup> Foi situada em frente ao palácio, na metade oeste do lado norte da praça. Em 1835, no entanto, a construção, ainda nas fundações, foi interrompida por causa da Revolução Farroupilha. Foi reiniciada em 1850,<sup>16</sup> pelo arquiteto alemão Phillip von Normann, que deve ter chegado em Porto Alegre em torno de 1847, vindo a trabalhar para o governo provincial.<sup>17</sup> O teatro foi inaugurado em 1858. Sobreviveu até o presente, apesar de ser reformado algumas vezes, sendo restaurado e reconstruído internamente entre 1975 e 1984 pelo arquiteto Carlos Antônio Mancuso, de forma a recriar, tanto quanto possível, o estilo original. O teatro é freqüentemente considerado como o edifício mais significativo na cidade, como sugere Günter Weimer.<sup>18</sup>

Normann também foi responsável pela nova Casa da Câmara, construída entre 1864 e 1871<sup>19</sup> ao lado do teatro no lado norte da praça (Figs. 1 e 3). Formava um par com o teatro, sendo praticamente idêntico a este em seu exterior. Os dois edifícios foram posicionados simetricamente em relação à praça, provendo o lado norte desta, mais baixo, com uma estrutura e uma forma arquitetônica clássica, clara e marcante, apesar desse equilíbrio formal não encontrar ressonância em um equilíbrio, inexistente, entre as funções dos dois prédios. Eles também definiam um eixo norte-sul que sugeria uma estrutura espacial para a praça como um todo e articulavam a praça com a parte norte da cidade, seu centro comercial.

Ao longo do século XIX, o espaço aberto recebeu melhoramentos. Em 1866, a praça ganhou seu primeiro elemento decorativo, uma fonte

de mármore chamada de Fonte do Imperador. Em 1885, o primeiro monumento a uma figura histórica a ser erigido num espaço público na cidade foi inaugurado na praça pela Princesa Isabel, durante sua visita a Porto Alegre. Era a estátua de mármore do Conde de Porto Alegre.<sup>20</sup>

Alguns coqueiros foram plantados perto dos edifícios principais na primeira metade do século.<sup>21</sup> Eles foram posteriormente removidos, e a praça foi ajardinada. Árvores começaram a ser plantadas em 1878, e o ajardinamento foi completado em 1881 (Figs. 1 e 3). Quando crescidas, as árvores mudariam também a percepção do espaço da praça e das relações entre os edifícios. Ao final do século XIX, no entanto, enquanto a vegetação ainda estava baixa, esta não interferia decisivamente na percepção da configuração e da estrutura formal do espaço como um todo.

A última modificação fundamental dentro do espaço aberto da praça ocorreu já no século XX. Foi a construção do monumento a Júlio de Castilhos (Fig. 4), líder positivista republicano, primeiro presidente republicano do Estado e autor da primeira constituição estadual. O monumento foi concebido como um conjunto alegórico republicano, colocado numa plataforma no meio do lado norte da área central, ajardinada, da praça, exatamente no eixo entre o teatro e o tribunal (na época, a administração municipal havia-se mudado, deixando o edifício apenas para o tribunal). A plataforma é atingida por degraus no lado norte, pois o terreno apresenta declive de sul para norte, aumentando o efeito monumental para aqueles que se aproximam pelo norte, pelo eixo entre os edifícios gêmeos.

A essa época, todavia, o velho palácio já não existia. Estava já sendo substituído, e, com isto, a primeira geração de edifícios públicos começou a dar lugar a novas estruturas. Os republicanos no poder dedicaram-se a construir uma nova imagem para a cidade, modernizando-a, seguindo ideais de beleza e higiene, ordem, progresso e industriabilidade. Pelo final do século XIX, o velho palácio provincial estava já bastante degradado e funcionalmente obsoleto.

Uma comissão foi enviada a Paris em 1908 para organizar um concurso de arquitetura, do qual dois projetos foram obtidos. Ao mesmo tempo, porém, Maurice Gras, outro arquiteto parisiense, antecipou-se e veio diretamente a Porto Alegre. Fazendo contatos através do cônsul francês, apresentou seu próprio projeto ao governo do Estado, que gostou da proposta, vindo a adotá-la. O caráter francês do edifício foi também garantido pelo uso de material francês, especialmente pedra de Villars, na medida em que o granito local foi descartado como sendo muito caro e por não ser o melhor para o corte de arestas precisas. Em 1921, o exterior do edifício estava praticamente terminado.<sup>22</sup> Mas as obras, na ala residencial e na decoração interna e outros detalhes, continuariam ainda por algumas décadas (Figs. 4 e 5).

Em 1921, alguns meses após a mudança do governo para o novo palácio, começaram as obras da nova catedral. Um concurso de arquitetura

fora realizado em 1917 em Porto Alegre, embora devesse ser internacional. O vencedor foi o imigrante espanhol Jesus Maria Corona, com o projeto de uma igreja neogótica a ser construída com painéis de concreto pré-fabricado. Dois anos depois, no entanto, esse projeto foi abandonado, e, seguindo o exemplo do governo estadual, o clero local decidiu contratar um arquiteto europeu, dessa vez de Roma. Assim como os políticos tinham olhado para o centro que representava as idéias que eles seguiam, o clero voltou-se para o centro da sua Igreja. Foi contatado o arquiteto romano Giovanni Battista Giovenale, que aceitou o convite para projetar a igreja.<sup>23</sup>

O projeto conservador neo-renascentista de Giovenale agradou ao clero local, adequando-se aos padrões estéticos aceitos por este, baseados na crença na universalidade e eternidade dos princípios clássicos e alheios às inovações da vanguarda européia do começo daquele século. A igreja projetada por Giovenale é descrita como “uma jóia-prima digna de figurar entre as Igrejas de Roma”, destinada a ser “o mais belo monumento religioso do Rio Grande do Sul, tanto pelas linhas arquitetônicas, como pelo material empregado, o granito róseo de Teresópolis”.<sup>24</sup>

Dependendo de doações, não tendo o recurso dos fundos públicos como o governo teve para a construção do palácio, a catedral levou várias décadas para ser construída. A nave foi inaugurada em 1948, mas a igreja foi efetivamente terminada e definitivamente inaugurada apenas em 1986.

O lado oeste da praça, como visto antes, tinha sido parcialmente ocupado por algumas construções pequenas desde a metade do século XIX. Em 1927, um auditório ao ar livre, o Araújo Vianna (Fig. 5), foi inaugurado no local. A antiga Bailante tinha sido demolida em 1924, e a Hidráulica havia sido transferida para outro sítio.

Em 1949, o antigo prédio do tribunal, gêmeo do teatro, foi destruído por um incêndio. Houve suspeita de incêndio criminoso, mas nada foi provado.<sup>25</sup> As paredes externas sobreviveram, mas foi tomada a decisão de construir um edifício totalmente novo no sítio. Nos inícios dos anos 1950, foi realizado um concurso nacional de arquitetura, vencido pelos jovens arquitetos locais Luiz Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet, educados no Instituto de Belas Artes local sob orientação predominantemente modernista. O seu projeto mostra forte influência do modernismo carioca e de Le Corbusier (Fig. 4). Sobre pilotis e bem mais alto do que o teatro, o novo Palácio da Justiça, como apontado por Andrea Machado, representa duas rupturas importantes para o contexto urbano: o limite norte da praça perdeu a unidade, e o eixo que levava para a praça desde o norte deixou de existir,<sup>26</sup> ou deixou de ser um elemento forte.

Uma segunda modificação modernista fundamental para o espaço da praça ocorreu com a inserção da nova Assembléia Legislativa. Em 1958, o auditório ao ar livre foi removido para dar lugar ao novo edifício a ser chamado de Palácio Farroupilha, que deu a forma final ao lado oeste da praça. Outro concurso nacional de arquitetura foi realizado,



sendo vencido pelos arquitetos paulistas Gregório Zolko e Wolfgang Schoeden, com um projeto que mostra influência de Mies van der Rohe. Zolko tinha de fato estudado nos anos 1950 em Illinois, EUA.<sup>27</sup>

Finalmente, para completar a descrição das modificações em torno da praça, devemos observar que o lado leste também foi bastante mudado. Em torno de 1900 e nas primeiras décadas do século XX, era principalmente ocupado por grandes residências aristocráticas, das quais poucas restam. Nos anos 1940, aquelas casas começaram a ser substituídas por edifícios altos. Isto não aconteceu de uma só vez, mas ao longo de algumas décadas, e, portanto, esteve sujeito a diferentes regulamentos urbanísticos. Como observa Andrea Machado, este processo contribuiu para uma maior fragmentação do tecido urbano.

Vimos, assim, que a definição arquitetônica da praça sofreu várias e significativas mudanças ao longo de sua relativamente curta história. Nenhuma construção do século XVIII resta na praça; apenas partes daquela época do edifício menor ao lado oeste do palácio ainda existem, mas este edifício não é mais visível desde a praça. Provavelmente o único edifício a sobreviver que foi o primeiro a existir no seu sítio é o teatro. As mudanças dizem respeito não apenas aos edifícios, mas também à estrutura espacial e à percepção da praça como um todo. Assim, por um lado, a história da praça é uma história de mudanças, que pode ilustrar como o caráter arquitetônico de um lugar não é algo fixo ou dado pela natureza ou pelo caráter de sua primeira ocupação humana.

Por outro lado, no entanto, é também uma história de certas formas de persistência. Apesar da quase contínua reconstrução, modernização e crescimento da cidade no século XX, os seus limites e a área da praça não foram alterados.<sup>28</sup> Houve algumas mudanças no perímetro durante o século XIX. Contudo, os lados sul e leste permaneceram na posição original, e as mudanças do século XIX nos outros dois lados podem ser vistas não tanto como mudanças (no sentido da destruição de algo e sua substituição por outra coisa substancialmente diferente), mas como definições espaciais que aconteceram apenas depois de transcorrido determinado tempo. Ademais, houve a persistência dos usos principais da praça e do seu perímetro. A sede do governo e a igreja principal permanecem nas mesmas posições, embora os edifícios originais tenham sido substituídos. O poder legislativo, criado em 1835, mudou-se para um novo sítio em meados do século XX, mas essa mudança foi apenas para o outro lado da rua. O terceiro poder, o judiciário, continua localizado na praça, no mesmo sítio desde os anos 1870, apesar de num edifício novo a partir dos anos 1950. O principal teatro também continua lá, representando a persistência também da função cultural.

#### REPRESENTAÇÕES E SIGNIFICADO:

A Praça da Matriz é, assim, um dos mais significativos espaços públicos da cidade, concentrando em um único lugar urbano os edifícios que representam o governo, o legislativo e o judiciário estaduais, o principal



2

*Antiga casa de governo e igreja matriz/catedral, na Praça da Matriz, nos anos 1890.*

Fotografia: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.



3

*Praça da Matriz em 1888, com o Teatro São Pedro e a Câmara.*

Fotografia: Irmãos Ferrari – Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.



4

*Vista aérea da Praça da Matriz.*

Fotografia: Leo Guerreiro e Pedro Flores (1958) – Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.



5

Cartão postal mostrando o dirigível Graf Zeppelin sobrevoando Porto Alegre, sobre a Praça da Matriz.

Reproduzido em D'ÁVILA, "Graf Zeppelin em Porto Alegre", *CS Zona Sul*, 1-15.01.1994, Turismo, p. 4.

edifício da Igreja Católica na região e o mais significativo edifício (o teatro) dedicado a apresentações artísticas no Estado. A presença de todas essas instituições na praça confere a esta significação arquitetônica, cívica, política, religiosa, cultural e histórica, gerando ou atraindo um numeroso público e eventos culturais e políticos, que contribuem decisivamente para o significado do lugar para a cidade.

Todos estes aspectos e níveis de significado podem ser acompanhados através da imprensa. O sentido de uma significação arquitetônica ou estética é evidente em várias fotografias, em geral independentes de qualquer artigo, publicadas em revistas já nos anos 1920. Por exemplo, *Máscara* publicou em 1920 uma imagem mostrando o monumento a Castilhos visto do canto noroeste da praça (em frente ao teatro).<sup>29</sup> Como a vegetação na praça ainda estava relativamente baixa, a velha igreja e metade do novo palácio aparecem ao fundo, e o monumento a Castilhos apresenta-se de forma imponente no espaço da praça. Outro exemplo é uma fotografia de 1922 tirada do mesmo ângulo.<sup>30</sup> O monumento e alguns edifícios em volta da praça eram certamente considerados realizações artísticas de qualidade, merecendo serem fotografados. Algumas casas no lado leste também foram mostradas por *Máscara* em 1922, sob o título "Vivendas de luxo".<sup>31</sup> Outras fotografias da praça publicadas nos anos 1920 incluem uma vista sobre parte desta, com o novo palácio e a velha igreja ao fundo, a partir do andar superior de um hotel na Praça da Alfândega, outra praça importante do centro da cidade;<sup>32</sup> uma vista do setor nordeste da praça, mostrando o monumento a Castilhos e a antiga Câmara/Tribunal à esquerda (como não havia edifícios altos na época na cidade, a paisagem com o rio e ilhas pode ser vista), tomada provavelmente do alto do novo palácio;<sup>33</sup> e uma interessante imagem que mostra a praça definida pelos seus quatro edifícios principais, teatro e tribunal, à esquerda, e velha igreja e novo palácio à direita.<sup>34</sup> Esta fotografia foi tirada de algum ponto próximo ao porto. Como os outros edifícios em volta da Praça da Matriz ainda eram bem baixos, os quatro edifícios principais destacavam-se, e a praça podia ser percebida como um todo definido por eles.

O auditório ao ar livre Araújo Vianna também aparece em revistas. Uma fotografia de 1929, publicada (junto com outro aspecto da cidade) sob o título "Dois lindos aspectos urbanos",<sup>35</sup> e duas fotografias de 1931<sup>36</sup> mostram o auditório vazio. As outras figuras mencionadas acima mostrando a praça também não estão ligadas a qualquer evento. Não aparece praticamente ninguém nessas fotografias, apenas um ocasional passante. Todas parecem ter sido cuidadosamente tiradas, mostrando bonitos ângulos, com boa qualidade formal. Parece, pois, que sua publicação foi motivada por um sentido estético, por um desejo de mostrar o lugar e seus edifícios. Um nível arquitetural ou estético de significação é, portanto, aparente através da imprensa naquela época.

Outras fotografias do período, por sua vez, mostram eventos que tiveram lugar na praça. Um exemplo disto é a fotografia de 1919 que



6

Figura da capa de COSTA, Elmar Bones da (org. geral), *História ilustrada de Porto Alegre*, Porto Alegre: Já Editores, 1997. Colagem misturando partes dos antigos palácio e catedral com os novos.

mostra um evento cívico no qual alunos de uma escola desfilam fazendo continência à bandeira, em estilo militar.<sup>37</sup> Estão perfilados em frente à igreja e ao palácio, que estava em estágio avançado de construção. A imagem acentua o caráter cívico do lugar, tanto através do evento em si como através dos edifícios, que emprestam um sentido de pompa e grandeza à cena. As formas dos edifícios são assim também importantes aqui. Outro exemplo é uma fotografia da praça durante um tributo a Júlio de Castilhos.<sup>38</sup> Há um número relativamente grande de pessoas em torno do seu monumento, com a igreja ao fundo. Isto, novamente, marca o caráter cívico do lugar.

Há também fotografias de eventos no auditório, como, por exemplo, da apresentação de um coro cossaco em 1930, que deve ter sido um importante evento na cidade na época. Uma fotografia de duas páginas foi publicada mostrando o auditório cheio na ocasião, com pessoas em pé na rua atrás da pérgola. Outra fotografia mostra o auditório cheio desde o ponto de vista oposto, com a fachada do palácio ao fundo.<sup>39</sup> O auditório também foi usado para missas ao ar livre em ocasiões especiais (a igreja já tinha sido demolida para dar lugar ao novo edifício). *Revista do Globo* publicou um artigo curto com várias fotografias da missa celebrada em 3 de outubro de 1931, por ocasião do primeiro aniversário da Revolução de 1930.<sup>40</sup> Embora o evento em si fosse uma missa, o caráter cívico está novamente, aqui, representado. Outra fotografia mostra pessoas deixando o local ao fim de uma missa no auditório em 1932.<sup>41</sup> Ainda era possível, à época, ver o rio e ilhas ao fundo.

Alguns outros artigos dos anos 1930 lembram aspectos do passado do lugar. Um deles mostra uma fotografia do Theatro São Pedro quando este era cercado por coqueiros. Observa que, à parte a remoção das árvores, o teatro sofreu pouca mudança. Também lembra, através de outra imagem, a antiga Bailante, quando esta começou a ser demolida em 1912.<sup>42</sup> Outro artigo traz uma gravura, possivelmente da primeira metade do século XIX, mostrando o lado sul da praça. Os antigos palácio e igreja (ainda com as torres incompletas) aparecem à direita, atrás do terraço protetor sobre o qual a Rua da Igreja (atual Duque de Caxias) atravessava a praça, então um grande espaço aberto sem ajardinamento.<sup>43</sup> Essas referências ao lugar contidas nesses artigos, assim, basicamente apontam para aspectos físicos da praça e dos edifícios em volta, isto é, para características arquitetônicas, e para as mudanças nessas características, que ocorrem com o tempo.

Passando para os anos 1960, deparamo-nos com um artigo sobre o palácio do governo, no qual um repórter, para evitar fotografar apenas espaços vazios (sem gente) dentro e fora do palácio, convidou quatro “moças da sociedade” para posar, a fim de, por assim dizer, decorar a cena.<sup>44</sup> O repórter afirma que o palácio pode ser incluído entre as mais belas e suntuosas casas de governo estadual do Brasil e, um tanto exageradamente, acrescenta que “não faria feio entre muitos dos mais famosos palácios da Europa.”<sup>45</sup> É interessante observar que, quando

perguntado por uma das moças se era verdade que o palácio tinha sido construído com pedra importada, o repórter descarta a idéia como sendo bobagem, dizendo que há muitas lendas sobre o palácio. Esta reação sem conhecimento dos fatos (pedra francesa foi de fato importada) parece demonstrar certo orgulho nacionalista. Mas ele também diz que se sabia muito pouco sobre o palácio, que não havia nada publicado, e promete procurar informação para satisfazer a curiosidade das moças. Ele fala então com o arquiteto encarregado da continuação das obras do palácio, vê um desenho do projeto original e descobre que o seu autor era um arquiteto francês, mas erra o nome (“Plas” ao invés de “Gras”). Considera então ter descoberto a verdade sobre o palácio e afirma que, com exceção das ferragens, todos os materiais usados eram brasileiros.<sup>46</sup> Assim, mesmo numa situação em que não havia uma intenção inicial de buscar informação histórica, subitamente a curiosidade apareceu, e o repórter foi procurar informação sobre o arquiteto do projeto do edifício. O lugar, assim, parece adquirir significado somente quando seu passado é recuperado.

Sobre a praça, o artigo menciona os vários nomes pelos quais esta foi conhecida, observando que quase ninguém sabe que o nome oficial é Praça Marechal Deodoro. A grandiosidade do palácio é celebrada pelo repórter. Mas, com as moças posando, o caráter cívico, político e monumental do edifício e do espaço público fica substancialmente enfraquecido. A praça também é vista mais pelo seu lado recreativo do que pelo seu lado cívico, sendo chamada de “pracinha” e descrita como “um dos mais aprazíveis lugares de Porto Alegre, tão cheia de velhas árvores e bancos para os casais de namorados, com belos monumentos e onde a garotada se reúne a brincar...”.<sup>47</sup> Quase não sobra aqui traço do espaço da política, das funções cívicas, da religião, das manifestações públicas e dos importantes eventos culturais. O tratamento da praça como um pequeno parque, com vegetação, parece desempenhar um papel decisivo nisto.

Mas, na mesma revista e mesmo número, também temos um artigo no qual praça e palácio aparecem novamente como o centro de eventos cívicos e políticos, durante o movimento da Legalidade, em 1961.<sup>48</sup> Há uma fotografia mostrando, por uma janela, o governador Leonel Brizola e outros dentro do palácio, no andar térreo, com a multidão reunindo-se na rua, e outra fotografia, em tamanho grande, mostrando o espaço da praça entre o monumento a Castilhos, em primeiro plano, e o palácio. Há pessoas caminhando ao redor da praça, sentando em volta do monumento, e uma multidão em frente ao palácio. A fotografia dá uma idéia de como a vegetação na praça interfere com o caráter cívico. O ato público estava contido ao espaço da rua bem na frente do palácio, e as pessoas no meio da praça parecem não estar participando ativamente do evento, mas como se caminhando ou sentando à vontade num parque, mesmo que estivessem na praça por causa do evento. A vegetação dá esta impressão de um parque, apesar, ao mesmo tempo, de parecer que havia menos árvores do que hoje em dia ou que as árvores eram menores.

Outro exemplo de um artigo sobre um evento político na praça é o que traz uma reportagem sobre a transmissão do cargo de governador, por Brizola, para o governador eleito Ildo Meneghetti, em 1963.<sup>49</sup> Há uma fotografia mostrando a praça com uma multidão em torno do monumento a Castilhos, homenageando Brizola, e outra figura, tirada de dentro do vestíbulo do palácio repleto de pessoas, mostrando também a multidão do lado de fora dos portões.

Também de 1963 é um interessante artigo que compara fotografias do final do século XIX com fotografias da época da publicação. Aqui temos novamente essa atitude de tornar o presente significativo comparando-o com o passado. O artigo observa que em 60 anos a cidade teve sua imagem completamente alterada, crescendo vertical e horizontalmente a olhos vistos.<sup>50</sup> Em geral, todavia, o artigo não tem um tom triunfalista em relação à modernização da cidade. As fotografias aparecem em pares mostrando aspectos da cidade vistos de ângulos similares nas duas épocas.

Dois pares de imagens são sobre a Praça da Matriz. A fotografia antiga de um deles mostra o lado leste da praça, com a velha igreja no centro, com a fachada leste da antiga Câmara/Tribunal aparecendo à direita (mesma fotografia da Fig. 1). Dá a impressão de um conjunto definido e harmonioso, embora a pequenez da igreja e da maioria das outras edificações, em relação ao espaço aberto, não produza a sensação de uma praça urbana mais fechada. O centro da praça tinha sido ajardinado, mas a vegetação estava ainda bastante baixa, não bloqueando a visão através do espaço da praça. Quase nada do que aparece nessa figura, entretanto, está presente na fotografia mais moderna correspondente. O novo Palácio da Justiça está sendo completado, substituindo o antigo; a nova catedral, ainda em construção, está substituindo a antiga igreja e a Capela do Divino; o lado leste da praça mudou quase que completamente (um edifício – aquele com a torre da esquina – permanece, mas foi aumentado em um andar); e a vegetação tinha crescido, cobrindo a parte inferior da fachada da catedral. A figura mostra um ambiente mais urbano e moderno, apesar de formalmente menos harmonioso, especialmente devido às novas construções no lado leste, que produziram uma quase caótica variedade de volumes, formatos e estilos. O Palácio da Justiça, contudo, não produz uma sensação de desarmonia na imagem, já que não é visto em sua relação com o antigo teatro. O novo edifício pode ser considerado uma peça bem composta de arquitetura moderna, com valores plásticos, se analisada individualmente, sem considerar as relações com o teatro e a praça, relações estas que não podem ser vistas na figura. Apesar de algumas árvores na frente, o ângulo também é favorável para se ver a catedral. Seu tamanho parece de fato ser mais proporcional ao espaço aberto do que o fora o da pequena antiga igreja.

O outro par de fotografias da praça mostra o espaço central ajardinado e os edifícios do lado norte. Na figura do final do século XIX (mesma fotografia da Fig. 3), vemos os edifícios gêmeos do teatro e do tribunal compondo harmoniosamente aquele lado da praça e definindo

seu eixo principal. Eles também se destacam do entorno. Os outros prédios da cidade são em geral muito baixos, e é possível ver o rio e as ilhas ao fundo. A vegetação ainda está baixa, mas parece já estar sugerindo um caráter de jardim de lazer ou parque, ao invés de confirmar o caráter de uma praça cívica. Na figura dos anos 1960, a vista mudou dramaticamente. O teatro ainda existe, mas o novo Palácio da Justiça quebrou o arranjo harmônico e simétrico prévio e o equilíbrio em torno do eixo longitudinal. O monumento a Castilhos consegue monumentalizar parte do espaço da praça, que, no entanto, parece mais ser um pequeno parque, devido ao crescimento da vegetação. A combinação, ou confusão, de um caráter cívico com um caráter recreativo parece ter sido acentuada. O rio desapareceu totalmente da vista, encoberto por uma série um tanto caótica de edifícios modernos de diferentes alturas, muitos deles em construção. Podemos considerar que esse artigo enfatiza um nível histórico de significância, na medida em que se concentra em mudança através do tempo. Mas também, dentro dessa perspectiva histórica, destaca a significância física ou arquitetônica do lugar.

Outro artigo de 1963 traz um histórico da Assembléia Legislativa e seu antigo edifício.<sup>51</sup> Também traz informações sobre a fundação da praça e mostra algumas figuras antigas (século XIX), incluindo uma figura do velho palácio antes de 1860.

A partir da década de 1970, vários artigos, freqüentemente relacionados com turismo, apresentam informações históricas sobre a praça e os edifícios à sua volta. Um artigo de 1976 convida o leitor para uma caminhada no centro da cidade para ver seus lugares históricos.<sup>52</sup> Menciona edifícios históricos da Praça da Matriz, mas não menciona a catedral, talvez por esta ainda não estar pronta ou por não ser considerada importante ou por não ter ainda sido sancionada por historiadores e arquitetos como tendo valor arquitetônico. Nos anos 1970, a questão da preservação histórica na cidade começa a ganhar importância. O palácio e a catedral, por causa das instituições a que servem e por causa de sua grandiosidade, não eram considerados como estando em risco (a catedral nem sequer tinha sido terminada), e, assim, não aparece usualmente na imprensa uma maior preocupação com sua proteção. Mas o crescente interesse geral na história e memória local, assim como em turismo, também gera mais interesse nesses edifícios, na praça e em outros edifícios em volta desta, vistos como remanescentes de tempos passados que foram quase varridos da imagem da cidade. Outro artigo, do fim da década de 1970, reforça a idéia de que algo do passado ainda existe, desafiando o passar do tempo.<sup>53</sup>

Em 1980, durante a visita do papa João Paulo II, a catedral e a praça foram focos de interesse. Um artigo de jornal observa que a catedral, de onde o papa daria a sua bênção, seria uma das principais atrações turísticas.<sup>54</sup> O artigo, assim, diz respeito principalmente a turismo, mas a visita do papa acrescentou significação religiosa ao lugar.

Em 1981, Günter Weimer publicou em um jornal um artigo sobre

Phillip von Normann e o conjunto (teatro e Câmara) que este construiu no lado norte da praça. Weimer observa que, “segundo antigos cronistas, tratava-se de um conjunto harmonioso e que conferia alta dignidade à Acrópole porto-alegrense.”<sup>55</sup> Uma fotografia, provavelmente dos anos 1870, mostra a metade norte da praça com os edifícios gêmeos, centrada no eixo marcado por eles. A praça ainda não está ajardinada, e a fonte imperial aparece em primeiro plano. A relação espacial da Praça da Matriz com a cidade mais baixa, próxima ao porto, é bem ilustrada na figura. Os prédios gêmeos claramente marcam e monumentalizam essa relação, destacando-se do circundante. O rio era uma presença forte na paisagem.

Os artigos de turismo, por sua vez, continuam a aparecer. De 1986, “Os tesouros da cidade (I)” traz uma seleção de edifícios considerados como sendo de particular valor. Na praça, menciona o teatro São Pedro, descrito como sendo o orgulho da cidade, e o monumento a Castilhos.<sup>56</sup> Outro exemplo desses artigos históricos/turísticos olha para os edifícios como expressão de algo da história local e recomenda a população local a passear pela cidade e a visitá-los. Da praça, o artigo menciona o palácio, a catedral e o teatro.<sup>57</sup> Ainda outro exemplo recomenda um roteiro para passeio em Porto Alegre no período das férias de julho. Caracteriza a praça como o lugar dos três poderes, executivo, legislativo e judiciário, e seus edifícios. Também recomenda visitas à catedral, ao palácio e ao teatro, trazendo algumas informações sobre estes.<sup>58</sup>

Em junho de 1994, tentando atrair público (especialmente turistas) para a praça à noite, o governo estadual começou a promover espetáculos de luz e som em frente ao palácio e à catedral. As fachadas eram iluminadas, e música clássica era tocada (por equipamentos eletrônicos, não ao vivo). Os sinos da catedral encerrariam o espetáculo. A idéia parece ter vindo de uma visita que o governador e sua esposa tinham feito a Bruxelas, onde viram um espetáculo similar. A iniciativa foi anunciada pela mídia.<sup>59</sup> Aqui o aspecto histórico/turístico seria reforçado por um evento destinado a chamar atenção para aquele.

Para dar um último exemplo desse tipo de artigo voltado ao turismo, podemos mencionar um de 1996 que recomenda que não se deixe de visitar a Praça da Matriz, em um passeio turístico pela cidade, assim como a Praça da Alfândega e a Casa de Cultura Mário Quintana. Traz uma figura grande mostrando a catedral e um canto do palácio, com alguns edifícios mais modernos ao fundo, com o comentário de que Porto Alegre é uma “capital dos contrastes”.<sup>60</sup> É interessante notar que o artigo vê esses contrastes como algo harmonioso e atrativo.

Após a redemocratização do país nos anos 1980, a praça voltou a ser espaço de confrontação política. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi um dos grupos de pressão que organizaram protestos na praça. Em 1990, o MST acampou na praça, e, quando a polícia interveio, o protesto transformou-se em tumulto. Houve feridos, e um policial foi morto numa avenida próxima. Em 1999, este incidente foi selecionado por *Zero Hora* para sua retrospectiva do século.<sup>61</sup> Duas

fotografias do confronto na praça foram republicadas. O sindicato dos professores estaduais (CPERS) também usou o espaço da praça para protestos contra os baixos salários, como no “sinetaço” de 1989 para incomodar o governo,<sup>62</sup> e nos protestos e preparação para a greve em 1995.<sup>63</sup> Os artigos sobre esses eventos não mostram muito, no entanto, da constituição arquitetônica do espaço, embora reforcem a polivalência deste.

Há alguns artigos dos anos 1990 sobre antigas fotografias da cidade. De 1993 é um artigo sobre os primeiros fotógrafos a trabalhar no Estado. Mostra uma interessante imagem da Praça da Matriz, vista desde um ponto detrás ou mesmo de sobre as fundações ou primeiro andar do prédio, em construção na época, da antiga Câmara. Aparece todo o espaço da praça, com a antiga igreja, a pequena Capela do Divino (provavelmente uma primeira construção, não a posterior capela neogótica) e a casa de governo. Um canto do teatro aparece à direita. O espaço aberto ainda não está ajardinado. A imagem mostra a relativa harmonia arquitetônica do lugar à época e dá a idéia de uma praça cívica. Mas também mostra como a pequenez das edificações e as distâncias entre estas não produziam um sentido de fechamento e de proporções de uma bem definida e típica praça urbana, dando mais a impressão de um espaço muito aberto, grande, de uma cidadezinha provinciana.<sup>64</sup>

Uma antiga fotografia (Fig. 5) que se tornaria um novo cartão postal foi tema de outro artigo.<sup>65</sup> Este mostra o dirigível Graf Zeppelin sobrevoando a cidade, fotografado acima da Praça da Matriz. Foi um momento especial na vida da cidade, e a imagem mostra as pessoas acumulando-se na praça e no Auditório Araújo Vianna para ver a passagem do dirigível. O Zeppelin mudou seu curso original a fim de sobrevoar a cidade, atendendo a apelos das autoridades e da imprensa local. Na fotografia, parece estar sobre o palácio, associando-o, juntamente com a praça, a essa ocasião especial. Na época, a catedral estava em estágios iniciais de construção.

Um último exemplo de artigo de imprensa seria sobre a publicação de discursos de políticos do século XIX na assembleia provincial.<sup>66</sup> O artigo é ilustrado com duas reproduções de gravuras de Wendroth, de 1852. Numa delas aparece toda a península de Porto Alegre, vista à distância a partir do sul. À época, o lado sul da península praticamente não tinha ainda sido ocupado. O edifício mais destacado era certamente a igreja com suas torres. A outra figura mostra a igreja e a casa de governo vistas do meio da praça, ainda não ajardinada.

### CONCLUSÃO:

Olhando, assim, para a história da praça e para essas representações na imprensa, podemos ver que a significação do lugar deriva de uma série de aspectos, de suas características físicas e arquitetônicas, assim como de sua vida institucional, política, social, cultural. O material de imprensa analisado reforça o sentido de um lugar histO



aspecto arquitetônico é certamente central a esse caráter histórico, tanto em termos do significado dos elementos persistentes como dos elementos que mudaram ou foram substituídos. Várias figuras e artigos enfocam a imagem do lugar, edifícios e aspectos considerados particularmente significativos e valorizados por suas qualidades arquitetônicas, assim como dão algumas interessantes sugestões sobre caráter relacionado a propósito, embora este aspecto não seja normalmente analisado pela imprensa. As mudanças históricas parecem manifestar-se fortemente na imagem e estrutura arquitetônicas do lugar.

Portanto, a história, com suas persistências e mudanças, pode ser entendida como o tema central aqui. Como vimos no material de imprensa analisado, são feitas referências freqüentes ao passado do lugar, sugerindo um entendimento do seu presente através do conhecimento desse passado ou de uma comparação com este. Esta atitude tem sido comum em relação a várias partes da cidade, mas pode ser mais evidente em relação à Praça da Matriz por causa de sua densidade histórica. Talvez a importância das próprias mudanças tenha gerado a necessidade de entendê-las, de procurar explicações para as incongruências arquitetônicas do lugar, de saber o que havia lá antes e como as coisas chegaram ao ponto em que estão. Talvez o sentimento de que importantes qualidades e edifícios foram perdidos com essas mudanças tenha gerado mais interesse em conhecer o passado e em conservar e transmitir este conhecimento. O espaço foi originalmente um cemitério para pessoas. Com o tempo, tornou-se um cemitério para a história da cidade, como sugerido por Miguel Duarte, um cemitério de edifícios significativos.<sup>67</sup> Mas o interesse pela história do lugar manteve vivas suas imagens. Quando olhamos para edifícios como o Palácio, a Catedral e o Palácio da Justiça, pensamos nos antigos prédios que existiram ali antes. De algum modo, como sugerido pela capa de uma recente história ilustrada de Porto Alegre publicada em fascículos (Fig. 6),<sup>68</sup> eles parecem continuar presentes atrás ou dentro de seus substitutos, como fantasmas que se recusam a deixar o lugar.

## NOTAS

- <sup>1</sup> MACEDO, Francisco Riopardense de, *Porto Alegre: origem e crescimento*, Porto Alegre: Sulina, 1968, p. 55.
- <sup>2</sup> OLIVEIRA, Clóvis Silveira de, *Porto Alegre: a cidade e sua formação*, Porto Alegre: Norma, 1985, p. 123.
- <sup>3</sup> *Ibid.*, p. 123.
- <sup>4</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de, *Viagem ao Rio Grande do Sul*, Porto Alegre: Erus, 1987, p. 44-45.
- <sup>5</sup> *Ibid.*, p. 44.
- <sup>6</sup> OLIVEIRA, Clóvis Silveira de, *op. cit.*, p. 123.
- <sup>7</sup> SPALDING, Walter, "O velho prédio da Assembléia", *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 860, p. 70-71, 23 nov. 1963, p. 71.
- <sup>8</sup> OLIVEIRA, Clóvis Silveira de, *op. cit.*, p. 124. Há uma indicação de que a Bailante poderia ser de 1880 em SOUZA, Célia Ferraz de & MÜLLER, Doris Maria, *Porto Alegre e sua evolução urbana*, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997, p. 71.
- <sup>9</sup> OLIVEIRA, Clóvis Silveira de, *op. cit.*, p. 91 e 111.
- <sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.), *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*, Porto Alegre: Ed. UFRGS/Prefeitura Municipal, 1991, p. 38.
- <sup>11</sup> FELIPPI, Zeca, "Os primeiros fotógrafos do Estado", *30 dias de cultura*, v. 4, n. 43, jun.-ago. 1993, p. 24.
- <sup>12</sup> Depois elevada a arquidiocese em 1910. BALÉM, João Maria, *A catedral*, Porto Alegre: Imprimatur, 1956, p. 23.
- <sup>13</sup> SPALDING, Walter, *op. cit.*, p. 70.
- <sup>14</sup> BITTENCOURT, Dóris Maria Machado de, *Os espaços do poder na arquitetura do período positivista no Rio Grande do Sul: o Palácio do Governo*, Porto Alegre: IFCH-PUCRS, 1990 (dissertação de mestrado), p. 116.

- <sup>15</sup> OLIVEIRA, Clóvis Silveira de, op. cit., p. 90.
- <sup>16</sup> Ibid., p. 101.
- <sup>17</sup> WEIMER, Günter, *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*, São Paulo: USP, 1989 (tese de doutorado), p. 1.18-1.20.
- <sup>18</sup> Idem, "O Teatro São Pedro e seu arquiteto", *Correio do Povo*, Porto Alegre, 05.09.1981, Letras e Livros, p. 15.
- <sup>19</sup> OLIVEIRA, Clóvis Silveira de, op. cit., p. 105.
- <sup>20</sup> Ibid., p. 125.
- <sup>21</sup> MACHADO, Andrea Soler, *Dois palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre*, Porto Alegre: PROPAP-UFGRS, 1996 (dissertação de mestrado), p. 130.
- <sup>22</sup> WEIMER, Günter, *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*, p. 6.17.
- <sup>23</sup> "As duas catedrais", *Signo comunicação*, Porto Alegre, n. 11, p. 60-64, s/d., p. 63.
- <sup>24</sup> BALÉM, João Maria, op. cit., p. 28.
- <sup>25</sup> "Destruído pelas chamas", *Jornal do Dia*, Porto Alegre, n. 849, 20.11.1949, p. 8 e 6.
- <sup>26</sup> MACHADO, Andrea Soler, op. cit., p. 219.
- <sup>27</sup> Ibid., p. 48.
- <sup>28</sup> Ibid., p. 136.
- <sup>29</sup> "A Praça Marechal Deodoro, vendo-se ao centro o monumento ao dr. Júlio Prates de Castilhos", *Máscara*, Porto Alegre, v. 3, n. 26, 4 dez. 1920, s/p.
- <sup>30</sup> "Porto Alegre actual", *Ilustração Riograndense*, Porto Alegre, v. 1, n. 4, p. 48, 14 nov. 1922.
- <sup>31</sup> "Vivendas de luxo", *Máscara*, Porto Alegre, edição comemorativa, 1922, p. 56.
- <sup>32</sup> "Porto Alegre de ontem e de hoje", *Máscara*, Porto Alegre, v. 7, n. 6, abr. 1925, s/p.
- <sup>33</sup> "A cidade", *Kosmos*, Porto Alegre, v. 1, n. 6, 13 mar. 1926, s/p.
- <sup>34</sup> Ibid., s/p.
- <sup>35</sup> "Dois lindos aspectos urbanos", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 1, n. 4, 16 fev. 1929, s/p.
- <sup>36</sup> "A gaiola deserta", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 14, 23 maio 1931, s/p.
- <sup>37</sup> "Batalhão do Gymnasio N. S. do Rosário em continência à bandeira", *Máscara*, Porto Alegre, v. 2, n. 32, 20 set. 1919, s/p.
- <sup>38</sup> "As homenagens ao Patriarcha", *Máscara*, Porto Alegre, v. 3, n. 22, 6 nov. 1920, s/p.
- <sup>39</sup> "O coro dos Cossacos do Don", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 2, n. 15, 9 ago. 1930, s/p.
- <sup>40</sup> REGINA, Lúcia, "A missa campal de 3 de outubro", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 24, 10 out. 1931, s/p.
- <sup>41</sup> "Após a missa...", *O eco*, Porto Alegre, v. 19, n. 6, 21 jun. 1932, p. 183. Não há indicação de que essa missa estivesse relacionada a alguma ocasião especial.
- <sup>42</sup> "A hora da saudade", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 8, n. 195, p. 6-7, 21 nov. 1936.
- <sup>43</sup> "A hora da saudade", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 9, n. 214, p. 44-45, 25 set. 1937.
- <sup>44</sup> LISBOA, Luiz Carlos, "Piratini: história e legenda", *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 803, p. 26-31, 16-29 set. 1961.
- <sup>45</sup> Ibid., p. 28.
- <sup>46</sup> Ibid., p. 31.
- <sup>47</sup> Ibid., p. 27-28.
- <sup>48</sup> GOULART, Antônio et al., "Os doze dias que abalaram o país", *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 803, p. 2-3, 16-29 set. 1961.
- <sup>49</sup> "Meneghetti novamente no governo rio-grandense". *Revista do Globo*, n. 840, p. 76-79, 16 fev. 1963.
- <sup>50</sup> FONSECA, Ney, "Porto Alegre de ontem e de hoje", *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 837, p. 6-11, 5-18 jan. 1963, p. 9 e 10-11.
- <sup>51</sup> SPALDING, Walter, op. cit.
- <sup>52</sup> "Porto Alegre ainda tem história. Vá conhecê-la num passeio a pé", *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 13.11.1976, p. 32.
- <sup>53</sup> SILVA, Sérgio Mota e, "Testemunhos da história que desafiam o tempo", *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 22-23.04.1978, Fim de Semana.
- <sup>54</sup> "Porto Alegre, para quem vier ver papa João Paulo", *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 27.06.1980, Turismo.
- <sup>55</sup> WEIMER, Günter, "O Teatro São Pedro e seu arquiteto", p. 15.
- <sup>56</sup> CARDOSO, Teresa Cristina, "Os tesouros da cidade (I)", *Zero Hora*, Porto Alegre, 07.03.1986, p. 8.
- <sup>57</sup> "Nos velhos prédios, um pouco da nossa história", *Zero Hora*, Porto Alegre, 23.01.1987, Programa, p. 1.
- <sup>58</sup> "Um roteiro de férias dentro de Porto Alegre", *Zero Hora*, Porto Alegre, 13.07.1990, p. 14-15.
- <sup>59</sup> "Espetáculo de som e luzes será apresentado na Praça da Matriz", *Zero Hora*, Porto Alegre, 26.06.1994, p. 30.
- <sup>60</sup> "Um porto que desperta paixões", *Zero Hora*, Porto Alegre, 06.08.1996, Viagem, p. 1 e 10, p. 1.
- <sup>61</sup> "Cenas de guerra entre os três poderes", *Zero Hora*, Porto Alegre, 23.12.1999, p. 84.
- <sup>62</sup> "Professores protestam com sinetaço na Praça da Matriz", *Zero Hora*, Porto Alegre, 23.05.1989, p. 36.
- <sup>63</sup> STEFANELLI, Ricardo, "Os professores rejeitaram a proposta do governo e já falam em greve", *Zero Hora*, Porto Alegre, 12.04.1995, p. 22; e "Servidores estaduais vão parar dia 24", *Zero Hora*, Porto Alegre, 19.05.1995, p. 18.
- <sup>64</sup> FELIPPI, Zeca, "Os primeiros fotógrafos do Estado", p. 24.
- <sup>65</sup> D'ÁVILA, José Carlos Mello, "Graf Zepellin em Porto Alegre", *C.S.Zona Sul*, Porto Alegre, 01-15.01.1994, Turismo, p. 4.
- <sup>66</sup> CAMPOS, Pati Silveira, "Livro reúne discursos do século passado", *Zero Hora*, Porto Alegre, 10.07.1998, p. 18.
- <sup>67</sup> DUARTE, Miguel A. de O., "Um cemitério chamado Praça da Matriz", *Porto & Virgula*, Porto Alegre, v. 5, n. 32, p. 27-34, jul. 1997, p. 28.
- <sup>68</sup> COSTA, Elmar Bones da (org. geral), *História ilustrada de Porto Alegre*, Porto Alegre: Já Editores, 1997, capa.

### Renato Holmer Fiore

Professor Adjunto do Departamento de Arquitetura da UFRGS, com atuação nas disciplinas de história e teoria da arquitetura e no PROPAP. É arquiteto formado pela UFRGS (1987), mestre em história pela PUC-RS (1992) e PhD em arquitetura pela Universidade de Londres, através do Bartlett School of Graduate Studies do University College London (2001). Entre 1990 e 1996 foi professor de história e de teoria da arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Ritter dos Reis, tendo sido chefe do Departamento de Ciências Básicas e Propedêuticas